

## **GÊNERO E PODER NO ALTO IMPÉRIO ROMANO: A ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL DOS SACERDOTES DA DEUSA SÍRIA**

*Hariadne da Penha Soares*<sup>33</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo apresentar as descrições estereotipadas dos sacerdotes da Deusa Síria na obra *Metamorphoses*, de Apuleio de Madaura, como reveladores dos múltiplos discursos possíveis acerca das construções de gênero no Alto Império Romano. Classificados como desviantes sexuais, os sacerdotes estavam excluídos da cidade e marcados social, simbólica e materialmente pelas relações de poder.

**Palavras-chave:** Gênero; Atargátis; estigmatização.

### **RESUMÉ**

Le presente article vise à présenter les descriptions stéréotypées des prêtres de la Déesse Syrienne en l'oeuvre *Metamorphoses* d'Apulée de Madaure, comme révélateur des multiples discours possibles sur les constructions de genre dans l'haut Empire romain. Classé comme déviant sexuel, les prêtres ont été exclus de la ville et marqués social, symbolique et matériellement pour les relations de pouvoir.

**Mots-clé:** Genre; Atargátis; stigmatisation.

A obra *Metamorphoses*, escrita por volta de 160-170 d.C. pode ser classificada como uma novela, gênero literário em que predominava o recurso ao fantástico. Tendo alcançado, no século II d. C., ampla difusão em toda a bacia do Mediterrâneo e, em especial, no norte da África, a novela se constituiu no principal veículo literário de propagação dos mistérios da deusa egípcia Ísis, recorrendo às narrativas nas quais o

---

<sup>33</sup> Doutoranda em História Social das Relações Políticas (PPGHIS/UFES), sob orientação do Prof. Dr.: Gilvan Ventura da Silva, realizando pesquisa acerca das práticas mágico-religiosas do mundo greco-romano, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: correiodahriadne@gmail.com

objetivo central era mostrar as qualidades benfeitoras, redentoras e soberanas da divindade (HIDALGO DE LA VEGA, 1986, p.95).

As *Metamorphoses* constituem um complexo conjunto de aventuras e de histórias fantásticas, envolvendo algumas religiões orientais do século II, a saber: o culto de Ísis e o da Deusa Síria, também denominada Atargátis, com que Apuleio teria tido contato ao longo de suas viagens. A importância da obra enquanto fonte histórica estaria na apresentação da visão de um provinciano da oligarquia romana alto-imperial sobre as diversas práticas religiosas do Império de seu tempo e no fato de conter o mais importante texto sobre a iniciação aos antigos cultos de mistério de que temos notícia, o livro XI (BURKERT, 1991, p. 20). Além disso, a obra de Apuleio nos revela a vida de atores sociais que estavam à margem da sociedade como ladrões e sacerdotes itinerantes, que propagavam de cidade em cidade as benesses da Deusa Síria.

Apuleio, nas *Metamorphoses*, apresenta a trajetória de Lúcio, a personagem principal da obra, dividida em onze livros. Sendo assim, do livro I ao III, somos apresentados ao protagonista e às suas principais fraquezas: a sensualidade e a curiosidade. Movido pela curiosidade de aprender mais sobre magia, Lúcio seduz Fótis, uma escrava da casa, e lhe pede que ela mostre os segredos de sua senhora. Em uma noite, Fótis leva Lúcio ao local onde sua senhora realizava seus rituais mágicos, e este presencia o momento em que a senhora se transforma em ave após banhar-se num unguento. Lúcio, muito surpreso, pede a Fótis que pegue o frasco com o unguento para ele poder experimentar a metamorfose. No entanto, Fótis pega, por engano, o recipiente errado. Quando o rapaz se banha com o líquido mágico esperando a transformação em pássaro, passa à forma de asno. Imediatamente, Fótis leva Lúcio para o estábulo e promete que no dia seguinte consertaria a situação. Naquela mesma noite, enquanto Lúcio estava no estábulo, ocorre um assalto na casa de Milão, e o rapaz em forma de asno é usado pelos ladrões na fuga.

A partir desse momento, do livro IV ao X, Lúcio, em forma de asno, enfrenta uma série de situações humilhantes para um cidadão, contrárias à *Humanitas*.<sup>34</sup>: vive com cruéis bandidos, submetido aos falsos sacerdotes da Deusa Síria e tem como dono um violento soldado. Desde o instante em que se vê metamorfoseado em asno, a personagem passa a conviver com os estratos mais baixos e marginais da sociedade, como, por exemplo, ladrões, escravos foragidos, condenados e feiticeiros:

Então, um que superava os outros em força disse: “Nós finalmente tomamos de assalto a casa de Milão de Hypata. Além da grande fortuna que conseguimos com nossa coragem, voltamos com ao nosso acampamento intactos e aumentamos as nossas forças em oito pés. Mas vós que atacastes a cidade da Beócia, voltastes fracos em números e perdestes o vosso grande Lamaco, cuja saúde eu consideraria, justamente mais do que todos estes fardos que trouxestes. Mas no caso deles, no entanto, foi sua grande coragem que o destruiu, sua grande memória de herói será celebrada entre famosos e reis e generais de guerra. Mas, vós, bons ladrões, com seus pequenos roubos e tímida servidão somente rastejais em banhos públicos e apartamentos de velhas em busca de ninharias (*Met*, IV, 8)

No livro XI, Apuleio narra o renascimento do rapaz, que acaba por se tornar sacerdote do culto à deusa Ísis, renunciando ao amor carnal e à curiosidade. A escolha de Ísis como a deusa que transforma Lúcio em homem é extremamente particular e está diretamente relacionada à moral com a qual Apuleio se identifica. A experiência de Lúcio pode ser visualizada como uma libertação da morte e como a salvação pela deusa Ísis ou, em termos platônicos, pode ser entendida como uma passagem da forma animal para uma maior contemplação da realidade. Em outras palavras, a obra indica uma transformação em que o personagem principal renuncia a um amor carnal e escravo para atingir um que seja sério, repleto de beleza e de virtude.

### **A ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL DOS SACERDOTES DA DEUSA SÍRIA**

A obra de Apuleio possui o mérito de nos fornecer informações preciosas sobre o

---

<sup>34</sup> “*Humanitas* designa os seres humanos que são dignos do nome de homem por não serem bárbaros, nem incultos, nem inumanos. *Humanitas* significa cultura literária, virtude de humanidade e estado de civilização” (VEYNE, 1991, p. 283).

*modus vivendi* dos adoradores da Deusa Síria, dos escravos e foragidos do poder público imperial que, estando à margem da sociedade e não fazendo parte das elites cidadinas romanas, poucas vezes se encontram descritos com tantos detalhes nas fontes antigas quanto na novela de Apuleio (SILVA, 2001, p. 31).

Ao longo de toda a narrativa desenvolvida por Apuleio, os sacerdotes e seguidores de Atargátis são caracterizados de forma altamente depreciativa. Percebemos que as críticas feitas aos sacerdotes e aos devotos da Deusa Síria podem ser destacadas em quatro níveis: a falsa devoção dos oficiantes da divindade, a perversão sexual dos sacerdotes, a exploração da fé pública e as ações ilícitas perpetradas por eles.

Começamos pelas descrições estereotipadas dos sacerdotes de Atargátis no que tange à postura moral que deveriam observar em relação ao seu culto. As críticas se iniciam pela descrição de Efilebo, sumossacerdote da deusa Atargátis, feita por Apuleio:

Mas a minha cruel fortuna, não contenta com as desgraças passadas, colocou novamente seus cegos olhos sobre mim, e por arte de birlibiroque trouxe em minha presença o comprador mais apropriado as minhas tremendas desgraças. Saiba de uma vez de quem se tratava: um maricas; um maricas velho e completamente calvo, à parte alguns cabelos que caíam em cachos grisalhos, um homem da mais ignóbil estirpe, uma dessas figuras saídas do resíduo das encruzilhadas, um desses que, pelas ruas, de cidade em cidade, tocando címbalos e castanholas, vão levando a Deusa Síria e a forçam a mendigar. Tinha um exagerado desejo de me comprar (*Met*, VIII, 24).

Podemos perceber que o modo como Apuleio descreve o principal sacerdote do culto de Atargátis transcorre de uma maneira muito pejorativa. O autor os acusa de serem libertinos afeminados e de manterem a seu serviço escravos que tocavam instrumentos nas procissões da deusa e de servirem como amantes, ações que contrastavam com o pudor e a castidade que deveriam observar.<sup>35</sup> Podemos perceber

---

<sup>35</sup> Apesar de a crítica de Apuleio quanto às relações entre escravos e sacerdotes ser bastante irônica, só

que a condenação moral perpetrada por Apuleio é consonante a caracterização sexual do sacerdote.

O sacerdote procurou se informar com o leiloeiro acerca da mansidão do burro, visto que ele seria responsável em carregar o andor da Deusa Síria. O pregoeiro, que já havia informado ser o asno da região da Capadócia, pois era forte e rijo, disse também que era manso e se prestava a todas as necessidades, insinuando, inclusive, para fins sexuais. Este trecho da fonte é revelador e indica a suposta falta de postura moral dos oficiantes do culto e, principalmente, de seu sumossacerdote. O objetivo de Apuleio é evidenciar o caráter imoralizante dos representantes do culto da Deusa Síria. No relato abaixo transcrito, a imagem pública do sumossacerdote Efilebo é contestada devido aos seus escrúpulos relativos à sexualidade, daí a insinuação de que o sacerdote teria intenções sexuais deploráveis com o asno, como relata o autor:

Apesar de tudo, aquele odioso comprador não parava de perguntar umas coisas e outras, interessando-se inclusive por minha mansidão, até que contestou ao leiloeiro:

- Aqui, como podes ver, é um autêntico cordeiro, não um asno, e manso como é para qualquer trabalho; não morde, nem dispensa pontapés; diria que sob esta pele de burro se esconde um homem pacífico; não é difícil comprovar o que digo, introduze-te entre as suas coxas, como hermafrodita; verás por ti como demonstrará infinita paciência (*Met.*, VIII, 25).

A necessidade de se manter a imagem pública de um homem determina a educação moral recebida e, por extensão, ao seu grupo social: aos “bem nascidos” ou às categorias inferiores, a conduta moral indicava a distância social existente. Apuleio nos indica que o sacerdote do culto de Atargátis não possuía uma conduta moral que se coadunasse as características distintivas da elite municipal norte-africana pautadas na *paideia*, nos moldes da educação literária, mas, principalmente, no processo de sua formação moral no controle da postura na cena pública.

---

podemos tomá-la como crítica no que tange à posição casta que os sacerdotes e demais oficiantes do culto deveriam observar, uma vez que a homofilia praticada com pessoas de origem servil, desde que se mantivesse o escravo na posição passiva, não suscitava maiores polêmicas (SILVA, 2001, p. 31).

Segundo John Scheid (1992, p. 52), o sacerdote no mundo greco-romano era aquele que realizava atos cultuais, diferenciando-se dos magistrados por ser o depositário do direito sagrado e por exercer uma autoridade divina. É interessante notar que em Roma não se tornava sacerdote quem o desejasse: o sacerdócio não era uma questão de vocação (pelo menos, não nos cultos tradicionais), mas de estatuto social. Como os atos religiosos eram celebrados em nome de uma comunidade, e não em nome de indivíduos, só aqueles que estavam destinados pelo seu nascimento ou pelo seu estatuto a representá-la exerciam as funções sacerdotais (SCHEID, 1992, p. 53). Na vida comunitária do povo romano, o que determinava essa distribuição eram as regras tradicionais da vida pública. Portanto, as funções sacerdotais eram confiadas a todos aqueles que eram, ou tinham sido, regularmente eleitos como magistrados ou sacerdotes do povo. Dito de outro modo: era preciso ser homem de indelével e distinta conduta moral, sendo esta formulada no âmago dos mais antigos valores e costumes tradicionais de Roma, o *mos maiorum* (SCHEID, 1992, p. 54).

Todavia, o sacerdote descrito por Apuleio em sua obra está longe da figura atuante e representativa de poder e de defensor da tradição e dos costumes ancestrais da sociedade greco-romana. Efilebo, sendo sumossacerdote de uma deusa sempre identificada na obra como estrangeira pertencente a um culto de mistério, cujos devotos possuíam duvidosa conduta moral, não poderia, por isso, estar associada à religião tradicional romana, mas sim a uma *superstitio*, proveniente do Oriente e rotulada como bárbara. A ênfase nas características sexuais afeminadas do sumossacerdote da deusa Atargátis é revelador de que devido a falta de virilidade do sacerdote ele não poderia representar o ideal aristocrático de homem e sacerdote exigido pela sociedade romana Alto imperial. Assim, ao que tudo indica o sacerdote, percebendo ser alvo de risos e motivo de chacota do público em geral, retruca contra o pregoeiro:

Alto lá cadáver surdo e mudo, pregoeiro que só sabe delirar! Que a Deusa Síria, a toda poderosa, Mãe universal e o santo Sabázio, e Belona, e a Mãe Ida, e Venus com seu Adonis te tornem cego a ti, que me provocas há uma hora com tuas grosserias bufoneiras, estúpido. Acreditas então, imbecil, que eu possa confiar a deusa a um animal duro de queixo, para que ele bruscamente estaque e derrube a divina imagem? (*Met*, VIII, 25).

No relato acima, Apuleio associa a Deusa Síria à Cibele, bem como a outros deuses cultuados por escravos e por populares no mundo greco-romano. O sacerdote da divindade Atargátis recorre a ela, a fim de impedir que o pregoeiro continue difamando a imagem dele enquanto sumossacerdote da divindade. Podemos perceber que, mesmo em público, o responsável pela realização do culto da divindade e da execução de seus ritos não possuía *status* na sociedade nem distinção moral que o diferenciasse dos demais. Sua condição de sacerdote de uma divindade vista como estrangeira e mesmo a necessidade que tem de recorrer a outras divindades provenientes do Oriente, como Belona, Sabázio e Atis, não o colocam em condição de exigir respeito moral ou congratulações. O homem precisava ser viril e apresentar todas as prerrogativas da masculinidade, relacionadas aos ideais do *mos maiourum*, como o comando nas relações públicas, políticas, sociais e no sexo.

No entanto, apesar da troca de desavenças, a compra foi efetivada, e Lúcio é levado à casa dos sacerdotes e demais oficiantes da Deusa Síria, onde é recebido por um coro de vozes afeminadas que esperavam ansiosas pelo retorno do sumossacerdote. Tal relato nos leva a identificar o segundo nível de estigmatização dos sacerdotes de Atargátis por Apuleio, a perversão sexual dos oficiantes do culto de Atargátis:

Mas aquele coro de meninas, era em verdade uns maricas, que se puseram a dar saltos de alegria e a dizer inconveniências com suas vozes desafinadas, com voz de mulher quebrada e rouca, crendo que era um pequeno escravo que lhes haviam trazido para lhes prestar serviços. Mas quando viram um burro em lugar de um homem, fizeram caretas e escarneceram de seu dirigente. Não, não era um servo, mas um marido para ele, certamente. E depois, disseram, não o comas sozinho. Partilha-o algumas vezes conosco que somos tuas pombinhas (*Met*, VIII, 26).

Apuleio também critica a postura desprezível do sacerdote em relação à sua sexualidade. Ele acusa os oficiantes da Deusa Síria de serem afeminados com vozes de mulher e de manterem relações sexuais com os escravos. Essa passagem de Apuleio está atrelada a um apelo erótico muito forte, a fim de apresentar ao leitor da obra a imagem exótica dos sacerdotes de Atargátis enfatizando a perversão sexual dos oficiantes. No mundo greco-romano, os responsáveis pelo culto da Deusa Síria eram conhecidos como *galli*, sacerdotes eunucos, que haviam executado o ritual de autocastração em honra à divindade. Após o ritual, vestiam-se de mulher e dedicavam-se integralmente às atividades em homenagem à divindade. Possivelmente, daí decorre a crítica de Apuleio à postura dita afeminada dos sacerdotes de Atargátis.

Contudo, no mundo greco-romano, as inversões da verdadeira hierarquia – como no caso da autocastração, a partir da qual o homem, após o ritual, passa a vestir e a exercer atividades típicas de mulheres – são muito reprovadas e constituem estimulantes formas de degradação social (VEYNE, 2009, p. 219). O medo da efeminação fundamentado na necessidade de manter a imagem pública de um homem determina sua conduta moral segundo a qual este conduz a sua vida sexual. Logo, as críticas de Apuleio aos sacerdotes da deusa Atargátis não estão relacionadas ao fato de serem ou não homossexuais, mas sim ao fato de se submeterem física e moralmente, entregando-se aos prazeres, a um ser inferior.

De acordo com Veyne (1992, p. 60) “os romanos estigmatizavam a homofilia, no entanto não a estigmatizavam mais do que ao amor”. Logo, não se estabelece distinção entre amor homossexual e amor heterossexual: o prazer é visto como uma continuidade subjacente entre os dois; o prazer sexual, enquanto tal, não traz nenhum problema para as consciências dos mais tradicionais. Em compensação, julga-se o efeito que tal prazer pode exercer sobre o comportamento público e as relações sociais do homem. Apuleio qualifica como antinaturais certas complacências infames entre os homens, mas não estigmatiza a homossexualidade, porém a atitude servil em

relação ao parceiro.<sup>36</sup> Na Antiguidade, falava-se de um comportamento antinatural com relação ao homoerotismo, ainda assim não se dividia a humanidade em heterossexuais e homossexuais, mas entre ativos e passivos. Há de se ressaltar que, conforme Veyne (2008), para os antigos, “antinatural” queria dizer um ato contra as regras sociais vigentes ou algo falsificado, artificial. “O que é antinatural na pederastia não é para Platão uma anormalidade digna de ser considerada, mas um defeito moral, como a gula” (VEYNE, 2008, p. 231).

Veyne afirma que, quando um homem pertencente à sociedade greco-romana diz que uma coisa não é natural, ele não quer dizer que é monstruosa, mas que não se conforma às normas sociais, ou seja, que é falsa. Ser artificial à natureza correspondia tanto à sociedade quanto a uma espécie de ideal ecológico visando ao domínio de si e à autossuficiência: era preciso saber se contentar com o pouco que a natureza exige. Daí existirem duas posições diante da homofilia: a maioria indulgente achava-a normal, enquanto os moralistas políticos julgavam-na às vezes artificial, como, aliás, todo prazer amoroso.<sup>37</sup>

Entre os romanos, segundo Veyne (2008, p. 233), “ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro dito passivo. Ter prazer virilmente ou dar-se servilmente era tudo”. Portanto, não havia uma reprovação ao homoerotismo na Roma antiga, mas sim à efeminação e ao papel passivo. Para Veyne (2008, p. 234), a passividade era um dos efeitos da falta de virilidade, muito valorizada em uma sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, porém

---

<sup>36</sup> Em relação à utilização do termo “homossexualidade”, estamos de acordo com Foucault (2003, p. 167) quanto ao fato de que essa palavra “é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso”. Os gregos e os romanos não se opunham, como forma excludente, ao amor pelo sexo oposto a um representante do próprio sexo. Entre eles, a distinção se dava entre a temperança e a incontinência sexual.

<sup>37</sup> Quanto aos pensadores políticos, sua opinião era contrária a toda paixão amorosa, homofílica ou não, porque ela é incontrolável e amolece o cidadão-soldado. Seu ideal era a vitória sobre o prazer, seja ele qual for - entre homem ou mulher (VEYNE, 1992, p. 61).

que prestava uma atenção exagerada a toda atitude que revelava a falta da virilidade, nos gestos, na fala ou no vestuário. Um comportamento caracterizado como feminino demonstraria, portanto, a fraqueza de um homem. Veyne (2008, p. 234) vai além ao dizer que “toda a paixão amorosa, homófila ou não, é incontrollável e desfibra o cidadão-soldado. Seu ideal é a vitória sobre o prazer, qualquer tipo de prazer”.

A princípio, em Roma, o homoerotismo era aceito quando se restringia às relações entre cidadãos, que deveriam representar o papel de ativos na relação sexual, e escravos, que atuavam como passivos. Essa relação de domínio através do sexo era favorecida pelo escravismo e pelo patriarcalismo e não se restringia aos romanos, era comum entre boa parte dos povos do Mediterrâneo. Halperin (1989) lembra que, mesmo entre os gregos, o homoerotismo acontecia em relações assimétricas: o parceiro ativo sempre deveria pertencer a um estatuto superior ao parceiro passivo. Para o homem da comunidade greco-romana, existia uma conduta sexual absolutamente indigna: o homem adulto e livre que era homófilo passivo ou *impudicus*. Esse é o caso relatado por Apuleio, que demonstra a postura vergonhosa dos devotos da Deusa Síria, estigmatizados, excluídos e motivo de risos na cidade.

Podemos perceber que o relato de Apuleio critica também a alegada promiscuidade dos adoradores da divindade. Tal atitude é mostrada no episódio em que o asno percebe a presença de um escravo que serve também como amante aos sacerdotes:

Havia entre eles um jovem, bom tocador de flauta, que haviam comprado em um mercado. Era ele que amenizava com suas músicas as procissões da deusa, todavia, no interior da casa os adoradores o repartiam como concubino em clara promiscuidade. Ao me ver, repleto de gozo, me disse:  
- Em boa hora chegou para auxiliar-me neste torpe trabalho. Viva muito tempo e que seja aprovado por meus amos para o meu alívio (*Met*, VIII, 27).

Como podemos perceber, todos os episódios em que notamos a presença dos sacerdotes e demais oficiantes da deusa Atargátis na obra de Apuleio são marcados

pela imoralidade, pelas paixões monstruosas e libertinagens, características que não se coadunavam as atitudes de chefes religiosos. Sendo eles responsáveis pela execução dos ritos sagrados da divindade síria, deveriam ser exemplo de conduta e distinção moral na sociedade.

Os atos dos oficiantes do culto de Atargátis aparecem sempre ao leitor como hipócritas, charlatães e falaciosos. Os sacerdotes da Deusa Síria percorriam todas as regiões do Império em busca de donativos que seriam oferecidos à divindade em troca de favores e de serviços religiosos. Daí decorre o terceiro nível de depreciação dos adoradores de Atargátis por Apuleio, a exploração da fé pública feita por estes. O autor da obra afirma que, em troca de contribuições materiais ao seu andor, os sacerdotes abusavam da boa fé das pessoas, que, piedosamente, reverenciavam os deuses. Assim Apuleio relata:

Saiam recolhendo as moedas de cobre e prata que lhe entregavam; e não só isso, também jarros de vinho, de leite, queijos, algo de trigo, farinha, e incluindo um pouco de cevada que deram a ao portador da deusa. Tudo recolheram rapidamente, e o colocaram em sacos que traziam para este propósito, os ataram e me deram para carregar: assim, com o peso de carga dobrado, ia eu como se fosse um mercador ou um templo. E saiam, vagabundeando e depredando a região (*Met*, VIII, 29).

De acordo com a descrição de Apuleio, os sacerdotes faziam falsas previsões e utilizavam-se das oferendas rituais para consumo próprio, como podemos observar no relato a seguir:

Em uma aldeia, por estarem já agradados com as oferendas e a quantidade de coisas que haviam recolhido, decidiram preparar um festim, para isso, pediram a um colono como paga por sua falsa previsão do futuro, o mais belo cordeiro que tivera, a fim de saciar a fome da Deusa Síria (*Met*, VIII, 29)

Notamos também essa característica no episódio em que os adoradores da deusa Atargátis chegam a uma cidade onde são recebidos solenemente por um dos notáveis cidadãos, provavelmente um decurião, membro da elite municipal, que

desconhecendo as transgressões do sacerdote “faz tudo o que é possível para agradar a divindade mediante o respeito e gordas vítimas” (*Met*, IX, 8). Assim Apuleio narra a chegada dos devotos de Atargátis a cidade:

No dia seguinte, entre crótalos e címbalos e carregado com os ornamentos da deidade, me colocaram em caminhada, convertido em um vagabundo mendicante. Depois de passar por poucos cortiços e casebres, nos desviamos em direção a uma aldeia que, segundo nos disseram alguns vizinhos, havia sido uma rica cidade. Alojamos-nos em uma pousada. (...) Estabelecemo-nos ali por alguns dias, presenteados pela generosidade pública e cobrando caro pelas previsões e serviços religiosos, àqueles honestíssimos sacerdotes (*Met*, IX, 8).

O episódio descrito acima é muito importante, pois destaca a exploração da boa fé do decurião que prestava a hospitalidade em troca de serviços religiosos cobrados de forma exorbitante. Os sacerdotes de Atargátis, de acordo com Apuleio, não se mostravam complacentes em relação à devoção dos crentes. Ao contrário, procuravam subtrair, enganar e tripudiar os fieis o quanto podiam e, quando a permanência na cidade se tornava insustentável, partiam em direção a outro vilarejo a fim de enganar outros fieis.

O discurso de Apuleio em relação aos sacerdotes de Atargátis não nos deixa dúvida: corresponde a um culto que não está inserido na cidade de acordo com os cânones religiosos tidos como recomendáveis, podendo situar-se no rol das superstições. O seu sumossacerdote, Efilebo, e os demais oficiantes do culto mantêm relações moralmente corruptas com seus subalternos e não executam os serviços religiosos de maneira correta, enganando e ludibriando os fieis de toda parte. Todavia, aonde chega o andor de Atargátis, os sacerdotes encontram fieis fervorosos e dispostos a prestar saudações à divindade estrangeira. Podemos afirmar que, apesar da postura exótica de seus sacerdotes e das críticas mordazes feitas por Apuleio, o próprio autor nos indica a penetração do culto da Deusa Síria na sociedade greco-romana. Contando-se, inclusive, entre os seus seguidores, membros das elites municipais como os decuriões.

É importante ressaltar que em momento algum a deusa Atargátis foi estigmatizada ou ridicularizada pelo autor da obra. Para os romanos, os deuses eram seres superiores e por isso os homens lhes deviam homenagens. Prestava-se culto à divindade, pois os deuses não deixariam de ser providenciais, recompensadores e vingadores. Os deuses amavam os homens virtuosos e faziam triunfar a boa causa, dariam com certeza a vitória ao fiel que reconhecia o poder da divindade (VEYNE, 2009, p. 190). Todos os deuses eram bem recebidos nas mais diversas aldeias, sendo estrangeiros ou não. No entanto, os devotos de Atargátis, segundo Apuleio, não tinham um comportamento moral adequado à função que representavam na sociedade: de homens religiosos fieis a uma divindade e moralmente idôneos, exemplos para os demais concidadãos e modelos de verdadeiros devotos. Ao contrário, os sacerdotes de Atargátis demonstravam, aos olhos de Apuleio, atitudes interesseiras recolhendo donativos em troca de falsos conselhos e enganando as pessoas humildes com caluniosas previsões.

Atestamos a penetração do culto entre a população do Império por outra passagem da obra de Apuleio, na qual o autor afirma que não faltaram consulentes para os sacerdotes de Atargátis no momento em que resolveram revelar aos devotos uma mesma previsão. A todas as pessoas que recorriam aos sacerdotes para evocar a proteção da deusa, eles respondiam de uma mesma maneira: “Os bois colocados sob o jugo, se escavam o sulco, é para que um dia germine a rica messe” (*Met*, IX, 8). Assim, quando algum cidadão perguntava aos sacerdotes se deveria contrair matrimônio, estes respondiam a mesma coisa, e ficava claro que a resposta era afirmativa, visto que significaria que teriam muitos filhos. Para todos os questionamentos dos moradores do vilarejo, a resposta era sempre a mesma. Assim sendo, sempre respondendo de forma positiva às dúvidas da população, Apuleio afirma que os sacerdotes conseguiram arrecadar uma grande quantidade de dinheiro, como vemos na seguinte passagem:

Se lhes perguntava alguém que teria interesse em adquirir uns campos, os sacerdotes diziam que por isso, falavam de bois, jugo e terras generosas; quando algum cidadão, antes de empreender uma viagem e vinha aos sacerdotes, querendo saber a previsão dos deuses, estes diziam que os mansos animais estavam já preparados e a germinação da terra significava uma ganância segura; aqueles que iam entrar em combate ou perseguir uma quadrilha de ladrões e queriam saber se acabaria bem ou mal, com esta mesma resposta manifestavam que alcançariam uma grande vitória. A verdade é que com esta astuta previsão, conseguiram arrecadar uma grande quantia em dinheiro. E quando as elucubrações sobre tão diferentes perguntas haviam saturado o ambiente, se puseram em marcha, a noite, pelo pior caminho possível (*Met*, IX, 9).

Além das atitudes falaciosas em relação às práticas religiosas, Apuleio narra várias ações ilícitas perpetradas pelos sacerdotes de Atargátis, ações praticadas nos vilarejos e que eram duramente reprimidas pela população e pelas ordens municipais em nome do poder imperial. Em uma passagem da obra, os sacerdotes são flagrados tentando seduzir um jovem camponês:

Mal acabaram de preparar a cena do festim, caminharam em direção aos banhos e retornaram bem limpos acompanhados de um aldeão forte. Mal iniciaram o banquete, deixaram se arrastar pela falta de vergonha e pelas paixões mais escandalosas e rodearam o pobre rapaz, ainda desnudo, e tentaram seduzi-lo com suas asquerosas bocas (*Met*, VIII, 29).

Na obra de Apuleio, os cidadãos que estavam próximos ao local onde ocorria o assédio ao rapaz chegaram em socorro ao mesmo e espantaram-se com a atitude dos sacerdotes da deusa. Estes, com medo de represálias, fogem da cidade, levando consigo os frutos das oferendas que haviam recebido dos cidadãos. Existiam leis no Império Romano que tinham por objetivo proteger o cidadão livre de práticas como as descritas por Apuleio. Entre elas, cumpre destacar a *lex Scatinia* (149 a.C.), que punia o abuso de crianças livres (*stuprum cum puero*) e o cidadão acusado de passividade (*impudicus*) (ROBERT, 1998, p. 53). Salientamos que tal lei não proibia o homoerotismo, pois visava especificamente a defender a virtude (*virtus*) do cidadão romano, já que a passividade era identificada com os que tinham um estatuto inferior, como as mulheres e os escravos.

Todavia, não era apenas em crimes sexuais que os sacerdotes de Atargátis estavam envolvidos. O autor também revela a prisão deles pelo fato de terem se apoderado de um cântaro de ouro, pertencente ao templo de Cibele, crime punido com pena capital, se acreditarmos na versão do autor (SILVA, 2001, p. 32).<sup>38</sup>

Muito rapidamente nos alcançou um grupo de cavaleiros armados com lanças e quando conseguiram deter os cavalos dos sacerdotes, se lançaram furiosamente contra Efilebo e os demais oficiantes, os capturaram pelo pescoço e começaram a perfurá-los, ao mesmo tempo que os chamavam de sacrílegos e desavergonhados (*Met*, IX, 9).

Apuleio indica em sua obra que os sacerdotes de Atargátis estão imersos e envolvidos diretamente no mundo das transgressões sociais, pertencendo ao mesmo estrato social de bandidos e grupos de salteadores. Assim, Apuleio pretende desqualificar ainda mais a atitude dos sacerdotes, caracterizando-os como criminosos. Como afirma Guacira Lopes Louro (2004, p.83), “é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas se realizam e se expressam, assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente”. Neste sentido, os sacerdotes da Deusa Síria afastados da cidade e próximos de bandidos e embusteiros, tem seus corpos classificados como afeminados por afastarem das normas do que se é esperado e aceito para a figura do sacerdote de uma divindade, de acordo com os preceitos morais da sociedade romana Alto imperial. Foram, portanto, marcados “socialmente” por estarem à margem do *status quo* da elite, “simbolicamente” em suas vestimentas e rituais que realizavam a divindade e “materialmente” pela falta de posses que lhes obrigava a mendigar e vagar pelo império propagando as benesses da deusa Atargátis.

Percebemos que a descrição que Apuleio faz dos sacerdotes da deusa

---

<sup>38</sup> A palavra utilizada por Apuleio para expressar o castigo a ser aplicado aos sacerdotes da deusa Atargátis é *supplicium*, que em latim pode assumir diversos significados. O mais comum, além de súplicas e oferendas dirigidas aos deuses, era a pena de morte, conforme mencionado no trecho do documento exposto (SILVA, 2001, p. 32).

Atargátis não poderia ser pior. Homens imorais, transgressores, repletos de vícios e que se deixam escravizar por paixões servis, representadas no texto pela homofilia praticada pelos devotos e demais oficiantes do culto. Relacionamentos sexuais com escravos e desejos abomináveis por animais; sacerdotes que concedem falsas previsões em troca de grandes donativos; homens que roubam templos consagrados e que, por isso, são punidos pelos agentes da autoridade imperial. Enfim, todo tipo de vícios e de imoralidades era praticado pelos oficiantes do culto de Atargátis. Na obra de Apuleio, aos olhos do protagonista, um ilustre cidadão do Império transformado em asno, as atitudes desses sacerdotes são as piores. Transgredindo as fronteiras de gênero ou sexualidade, os sacerdotes da deusa Síria embaralhavam os sinais “legítimos” do ideal de cidadania e foram marcados como sujeitos desviantes, rotulados e isolados como minorias. Suportados em seus guetos, por não se ajustarem aos padrões arbitrariamente definidos como normais. Os devotos de Atargátis, divindade estrangeira proveniente da Síria, eram por excelência o exemplo do anticidadão, o perfeito modelo que as elites cidadinas utilizavam para se diferenciar e para afirmar seu *status* de membro do corpo de cidadãos do mundo greco-romano.

## REFERÊNCIAS

### DOCUMENTAÇÃO PRIMÁRIA IMPRESSA

APULEIUS. *Metamorphoses*: books I-VI. London: Loeb Classical Library, 1989.

APULEYO, L. *El asno de oro*. Madrid: Cátedra, 1998.

APULÉE. *Opuscules Philosophiques et fragments*. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

### OBRAS DE APOIO

BURKERT, W. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

HIDALGO DE LA VEGA, M. J. *Sociedad e ideologia em el Imperio Romano: Apuleyo de*

Madaura. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1986.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROBERT, J. N. *Eros romain*. Paris: Hachette, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHEID, J. *Religion et piété à Rome*. Paris: Editions la découverte, 1985.

\_\_\_\_\_. O sacerdote. In: GIARDINA, A. (Org.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 49-72.

SILVA, G. V. da. Um exemplo de polêmica religiosa no século II d.C.: a oposição Ísis x Atargátis nas Metamorfoses de Apuleio. *Revista de História da UFES*. Vitória, n. 9, p.27-39, 2001.

VEYNE, P. A helenização de Roma e a problemática das aculturações. *Diógenes*, Brasília, n. 3, p.105-125, 1983.

\_\_\_\_\_. *O Império Greco-romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

\_\_\_\_\_. *Historia da vida privada v.1: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2009.

\_\_\_\_\_. *Humanitas: romanos e não romanos*. In: GIARDINA A. (Dir). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1992, p. 281-302.